

**A NECESSIDADE DE DESPERTAR NOS ALUNOS INTERESSE PELO ESTUDO DE LÍNGUA INGLESA NOS DIAS ATUAIS**

Elisson Souza de São José<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem a finalidade de ajudar os professores de língua estrangeira a melhorar seu desempenho e o de seus alunos em sala de aula. Assim sendo, ele vai destacar algumas das formas de incentivar o estudante a se sentir, não apenas capaz de aprender um novo idioma, como também se sentir motivado para tal. Para isso foi feita pesquisa bibliográfica com a intenção de mostrar que os alunos podem aprender de forma fácil e divertida, fato que requer da parte do educador preparação e experiência para lidar com “os diferentes tipos de estudantes” da melhor forma possível. Serão apontadas algumas formas de transformar uma aula “chata” em atraente, e alunos desinteressados em alunos motivados para aprender. Para tanto, foram utilizados como base teórica estudos de Almeida Filho (2005), Witter (2004), Lyons (1981) e Veiga (2007), dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Motivação. Processo de aprendizagem. Língua inglesa.

**ABSTRACT:** This article aims at helping foreign language teachers improve their performance and their students' in the classroom. Therefore, this article will highlight some of the ways to make the student feel not only able to learn a new language, but also feel motivated to do it. In order to reach this goal, a literature review was made with the intention to show students can learn in an easy and funny way, which requires from the teacher preparation and experience to deal with "the different types of students" the best way possible. There will be showed some ways to transform a “boring” class in an attractive one, and transform unmotivated students in ones motivated to learn. Studies from Almeida Filho (2005), Witter (2004), Lyons (1981) and Veiga (2007), among others were used as theoretical bases.

**KEYWORDS:** Motivation. Learning process. English language.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras português - inglês pela Universidade Tiradentes e Especialista em Metodologia do ensino de Língua Inglesa- Faculdade Atlântico.  
[elisson.tj@hotmail.com](mailto:elisson.tj@hotmail.com)

## **1 INTRODUÇÃO**

Vivemos uma época na qual o contato entre línguas e culturas nunca foi tão intenso e generalizado. O valor de transitarmos por outro idioma não precisa de muita defesa e já não se discute mais a ampliação de espaço de cultura em nós quando outra(s) língua(s) também nos constroem (ALMEIDA FILHO, 2009, p. 9) .

Há muito tempo professores de Língua Inglesa procuram métodos e técnicas para despertar o interesse dos alunos que de princípio são desinteressados pelo estudo deste idioma. Foi pensando exatamente neste propósito que foi elaborado este artigo, com a finalidade de ser mais uma ferramenta de suporte aos métodos de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa.

O professor criativo, de espírito transformador, está sempre buscando inovar sua prática e um dos caminhos como tal fim seria dinamizar as atividades desenvolvidas em sala de aula. Uma alternativa para dinamização seria a variação das técnicas de ensino utilizadas; outra seria a introdução de inovação nas técnicas já amplamente conhecidas e empregadas (VEIGA, 2007a, p.35).

É comum de um aluno de língua estrangeira do ensino básico, seja esta o inglês ou outro idioma, não ter muito interesse em estudar um idioma diferente do seu. Uma grande parte dos alunos desinteressados costuma dar sempre a mesma desculpa: “Para que eu vou estudar outro idioma se eu nunca vou sair do Brasil?”

É a partir dessa pergunta que os professores podem e devem analisar as formas de se trabalhar a nova Língua em sala de aula. Alunos desinteressados necessitam de motivação e de dedicação da parte dos professores para que possam ter uma visão diferente quando se trata de aprender um idioma novo, o professor não pode esperar que o aluno passe a gostar de estudar uma língua estrangeira de uma hora para outra, sem motivo algum, ele deve fazer e ser esse diferencial, para isso, ele deve está sempre atualizado e preparado para poder lidar com os diferentes tipos de alunos, os quais ele transmitirá a disciplina. O que pode ajudar ou prejudicar neste momento é o grau de afetividade.

Um aluno que está tenso, nervoso ou com outro tipo de situação emocional pode não se sair tão bem no momento da aula, principalmente nos momentos de diálogos. “O filtro afetivo é uma barreira que impede os aprendizes de uma língua estrangeira de adquirir uma linguagem de forma apropriada” (VIVIAN, 2005, p. 5).

Assim sendo, o professor deve estar ciente de que o seu estudante poderá ter um aprendizado limitado e, para evitar que isso ocorra, ele deve proporcionar o conforto e bem estar que seus aprendizes necessitam. Também é preciso lembrar que cada estudante tem uma forma diferente de aprender.

Quando falamos em diferentes formas de aprender, na verdade estamos nos referindo às diferentes maneiras que eles reagem aos métodos aplicados ao ensino de um novo idioma. Existem alunos estudiosos, preguiçosos, tagarelas, distraídos, despertos e muitos outros. Cabe ao educador observar o perfil de cada aluno que ele está lidando, para realizar um trabalho que supra a necessidade do estudante.

Acredita-se que “[...] a escola deve trabalhar com o conhecimento do cotidiano, mais próximo da realidade dos alunos concretos que frequentam as escolas [...]” (MELO e URBANETZ, 2008, p. 115). É pensando desta forma que o professor deve destacar alguns dos meios que o utilizarmos o Inglês, que, em muitas das vezes, passam de maneira despercebida pelos alunos.

Entre estes podemos destacar os filmes que são produzidos fora do Brasil, as músicas internacionais, a rede internacional dos computadores - a internet, ou até mesmo quando compramos um produto ou vamos em uma loja, quase sempre, verificamos a presença marcante de outra língua, na maioria das vezes, o Inglês, por ser a língua da globalização.

Se conseguirmos destacar o grau de importância de se aprender esse novo idioma com certeza o aluno terá mais prazer em estudar. Caso não consigamos conquistar o interesse do aluno, jamais ele aprenderá.

Outra característica da aprendizagem é que ela acontece somente se houver da parte do educando, uma atividade autônoma no sentido de que ele se mobilize para o aprendizado. Significa dizer que a transmissão dos conteúdos, os conhecimentos científicos, as habilidades, atitudes etc., não é feita de maneira mecânica do professor para o aluno, sem que este queira. (MELO e URBANETZ, 2008, p. 117)

A aprendizagem é muito importante, no entanto, “mais importante do que aprender o conteúdo transmitido pelo professor é o aluno dominar o método de se chegar ao conhecimento” (VEIGA, 2007b, p. 90).

Nesse sentido, o uso de estratégias de ensino é uma forma encontrada pelos profissionais para que os alunos estejam em contato com a Língua Inglesa, aumentando sua oportunidade de uso tanto escrito quanto oral. Além disso, o uso dessas estratégias pode ser contextualizado de acordo com a necessidade, condição social e principalmente com o grau de motivação que cada aluno apresenta ao longo da aprendizagem.

Veremos então, a partir de agora, algumas maneiras para tentar fazer com que alunos desinteressados não só tenham interesse como também se dediquem ao aprendizado de uma nova língua, neste caso, o Inglês.

## **2 A MÚSICA, OS VÍDEOS, A INTERNET E OS JOGOS COMO ESTÍMULO AO ENSINO DE INGLÊS**

As aprendizagens vão acontecer em função das necessidades do indivíduo; estas tendem a gerar um desequilíbrio, fazendo com que imediatamente sujam motivos; [...] assim podemos dizer que, para que ocorram as aprendizagem é necessário um estado de alerta (moderado), impulso, vontade e desejo de aprender, ou seja motivação. (ROSA, 2007, p. 28)

A tecnologia atualmente anda a favor da aprendizagem. Diferente de décadas atrás, hoje nós temos várias ferramentas que podemos utilizar para estimular o empenho do aluno ao estudo. Cabe então aos instrutores utilizá-la da

forma correta, o que fará com que não só os alunos venham aprender de forma mais fácil como o grau de atenção dada pelos alunos ao professor será maior e assim, portanto, o educador poderá atingir seu objetivo.

A música tem contribuído há muito tempo no aprendizado de um novo idioma, e não é diferente na atualidade, a maior parte das pessoas do Brasil tem acesso a um aparelho de som o que faz com que este aparelho seja um meio eficiente de se ensinar Inglês de acordo com a realidade do aluno. Todavia, é necessário da parte do professor saber qual música utiliza e qual o melhor momento para isso.

Primeiramente é necessário considerar-se a clareza do *input* ao qual o aprendiz será exposto [...] a velocidade de produção também deve ser observada [...] Por fim, é necessário observar-se se o intérprete é falante nativo da língua-alvo e qual é sua variante lingüística. A variante dialetal é outro critério a ser considerado, uma vez que a utilização, numa aula de inglês norte-americano, de canções interpretadas por um artista que possua um forte sotaque britânico também pode vir a confundir aos alunos (LEFFA, 2003, p. 97).

Portanto, é vital também saber usá-la sempre relacionada a algum conteúdo que esteja ensinando, pois se usarmos a música sem nenhum objetivo, não irá fazer nenhum sentido.

É possível trabalhar vocabulário, pronúncia, tempos verbais, e diversos outros assuntos. Basta que o professor esteja preparado e tenha selecionado uma música apropriada para trabalhar em sala de aula. De acordo com LEFFA (2007, p.103) “o grau de atratividade e de eficiência dependerão da criatividade do professor”.

Quando falamos a respeito de vídeos a nossa realidade não é muito diferente, e o melhor de tudo, a concentração da turma tende a ser maior, pois além de ouvir eles também poderão assistir, o que irá tornar a aula mais divertida e mais atrativa ao aluno.

Cabe então ao professor saber selecionar o que será passado, pois as aulas costumam ser curtas, o que poderia ser mais apropriado um vídeo *clip* musical, um desenho animado, um seriado ou algo parecido. “A ênfase está na diversão, uma vez que os aprendizes vêem um filme com o propósito de imergir na língua.” (LEFFA, 2003, p. 53)

Outro meio de comunicação que está aumentando a cada dia é o uso da internet. Então, podemos e devemos utilizá-los a nosso favor. O Brasil é um país onde as pessoas utilizam bastante a internet, e esta, por sua vez, possui a maioria dos seus sites em vários idiomas.

Segundo as estatísticas e as agências de pesquisa há no Brasil 41,5 milhões de internautas segundo o *ibope/ NetRating* (com dados apontados em julho de 2008) ou 64,5 milhões segundo a *DataFolha* (agosto de 2008) – a discrepância entre os números deve-se à diferença de metodologia, mas ambos os institutos consideram apenas os internautas maiores de 16 anos. Nas áreas urbanas, 44 % da população estão conectados a internet, bem como, 97% das empresas brasileiras estão presentes na Grande Rede (MACHADO e SOBRAL, 2009, p. 193-194).

Em outras palavras, podemos dizer que muitos de nossos alunos têm contato com a internet, o que o entendimento do Inglês seria essencial para poder ter um melhor compreensão do que eles estão acessando. Também devemos levar em conta que a cada dia que passa o número de cidadãos brasileiros que tem acesso a redes de computadores está aumentando o que significa que o professor também deve preparar aulas informatizadas sempre que possível.

Quando falamos de internet devemos levar em conta que podemos ter acesso à cultura de qualquer parte do mundo diante de nós, e os alunos provavelmente só a aproveitarão se nós educadores os incentivarmos a pesquisar.

Na internet encontramos vários tipos de aplicações educacionais: de divulgação, de apoio ao ensino e de comunicação. Existem vários sites de bate papos onde podem ser encontradas pessoas de todas as partes do mundo. Por meio da internet podemos conseguir diferentes tipos de textos, atividades, imagens, diálogos, livros, revistas e outros instrumentos essenciais para fazer a aula mais divertida e dinâmica.

De acordo com uma pesquisa citada por Berger (2003, p. 48) o Brasil em 2006 ocupava o 11º lugar no rank mundial quanto a uso da internet e com certeza o número de usuários continua aumentando.

Atualmente, o Brasil através de um projeto conhecido como PROUCA- Programa Um Computador por Aluno, posto pelo Ministério de Educação, tem implantado 150 mil *netbooks* em 300 escolas públicas, destinando um para cada aluno e estes poderão ser usados não apenas nas escolas como também em suas casas. Isso fará com que o uso da tecnologia esteja mais presente e também servirá como mais uma ferramenta usada a favor de uma melhor educação e de um melhor ensino de língua estrangeira. Só no estado de Sergipe são 21 escolas, 428 professores e 7.918 alunos beneficiados no ano de 2011<sup>2</sup>.

Existem vários jogos educativos e sites em Inglês. Os alunos irão gostar de conhecer, mas isso exige que o professor esteja disposto a pesquisar qual seria o mais apropriado para aquele tipo de aluno e então informar o site aos seus alunos. Devemos integrar as tecnologias em projetos pedagógicos inovadores e participativos, pois se não a usarmos de forma correta, ao invés de ajudar ela poderá nos complicar.

A depender do jogo, por exemplo, o aluno terá a oportunidade de desenvolver suas habilidades com mais rapidez e não apenas seus conhecimentos, como também sua linguagem poderão ser aprimoradas.

Os jogos de expressão, interpretação e interiorização de conteúdos, além de desenvolver a inteligência, enriquecem a linguagem oral, a escrita e a interiorização de conhecimentos, libertando o aluno do imobilismo para uma participação ativa, criativa e crítica no processo de aprendizagem (ALMEIDA, 2003, p. 119).

É importante também ser flexível, adaptável e está sempre atento para ver se as coisas estão indo como esperado e mudar, quando necessário, as dinâmicas e estratégias. Às vezes acontece, por exemplo, de o laboratório de

---

<sup>2</sup> <http://www.uca.gov.br/institucional/escolasBeneficiadas.jsp> , acesso em 2 de abril de 2011.

informática estar com problemas e não poder ser utilizado, o que requer do instrutor um segundo plano de aula caso o previsto não seja possível.

### **3 PLANEJAMENTO E METODOLOGIA APROPRIADA**

O planejamento é essencial para o sucesso em sala de aula. Um professor que não planeja sua aula, infelizmente não conseguirá ter bom êxito em sala de aula.

O planejamento está diretamente vinculado ao que ocorre em sala de aula e é determinante no processo de ensino- aprendizagem [...] será um subsídio valioso para o professor. Mas do que uma simples ferramenta de trabalho, o planejamento aparece como uma possibilidade de realização de um trabalho criativo, realizador e humanizador (MELO e URBANETZ, 2008, p. 92).

É necessário um bom planejamento para que assim possa diminuir os problemas e as dificuldades enfrentadas em sala de aula. Ele deve ser feito visando atingir os objetivos sem ter muitas interferências, e, para isso, é necessários encontrar os problemas e então analisar como ocorram e então propor uma nova estratégia de ação para o aprendizado do aluno, “já que esse é o maior objetivo da escola” (MELO e URBANETZ, 2008, p. 93). Assim sendo, é necessário levar em conta as diferentes competências comunicativas que o aluno poderá usar.

Entre as competências comunicativas podemos destacar as citadas por VENTURI (2007, p. 3): Competência Linguística - usada quando o estudante necessita de uma linguagem mínima para não ter problemas ao se comunicar; Competência Sociolinguística - faz com que o aluno ao não saber as regras mínimas de uma certa língua estrangeira use as regras que funcionam com sua língua



materna; Competência Discursiva - ajuda o aluno a saber lidar com os diferentes tipos de discursos escritos e orais; Competência Referencial - destaca a importância de estar informado sobre o que pode ser facilitado com a leitura de jornais; Competência Estratégica - usada para compensar as falhas das Competências Linguística e Sociolinguística.

É na metodologia que o professor irá encontrar a possibilidade de escolha, de encaminhamento de seu trabalho, e deve tomar muito cuidado, pois corre o risco de escolher um rumo metodológico que não atinja os objetivos, ou ao menos, como desejaria.

Devemos formatar nossa metodologia pensando sempre em conseguir passar o conteúdo aos alunos de forma fácil, objetiva e de forma que desperte o interesse da maioria e, sempre que possível, de todos.

Ao entrar em sala de aula o professor deve estar certo do que irá fazer e o resultado a que deseja chegar com aquela atividade e não simplesmente estar à frente de uma turma à base de improviso. “Estabelecer os objetivos é, então, planejar e organizar o processo pedagógico, sem “inventar” o que se vai trabalhar na hora da aula. É pensar no aluno enquanto um ser histórico, portanto contextualizado” (MELO e URBANETZ, 2008, p. 85).

Por outro lado, o professor deve estar ciente de que o aprendizado não depende apenas de si mesmo. Ele é apenas um facilitador do aprendizado, ou seja, ele é responsável por indicar os melhores caminhos para o aprendizado e não apenas quando estiverem em sala de aula. Uma forma de se fazer isso é despertar a curiosidade dos alunos a respeito de algo ligado à língua estudada, neste caso o Inglês, e então levar o aluno a pesquisar.

Assim, o professor deve estar ciente da importância de se fazer pesquisa e de incentivar seus alunos a fazer o mesmo. Conforme Demo, “[...] os professores precisam saber pesquisar e fazer da pesquisa o modo mais profundo de aprender pela vida toda. Quem pesquisa mantém o conhecimento em dia, não perdendo jamais o tempo em transmitir, reproduzir. Quem pesquisa mantém-se à altura dos alunos” (DEMO, 2010, p.8).

Em outras palavras podemos dizer que, se o professor não pesquisar, vai ficar ultrapassado e também sua maneira de ensinar. Por outro lado, quando o professor pesquisa e ensina seus alunos como também podem fazer isso, o desempenho da turma tem a chance de ser muito melhor.

O aprendiz, por sua vez, não está isento de responsabilidade sobre o que ele apreender da identidade estrangeira. A partir do momento em que o aprendiz busca mais informações sobre a língua estudada, ele estará recebendo maior carga de dados culturais do outro grupo. Basta apenas um maior contato, juntamente com uma maior sensibilidade por parte do aluno para que ele inconscientemente receba a cultura da língua estrangeira (PEDROSA & CORRÊA, 2008, p. 146)

Se assim fizermos o aluno não só poderá adquirir gosto de aumentará seu conhecimento pelo idioma estudado como também aumentará sua autonomia, algo que também queremos destacar:

o professor fomentador da autonomia deve se fortalecer para exercer sua profissão. Esse fortalecimento passa necessariamente pela consciência de seu próprio entendimento e reinterpretação do que seja uma língua e o que seja ensiná-la. Em segundo lugar, passa também pela necessidade da prática da negociação. E finalmente, é preciso que o professor se auto-monitore para refletir sobre o tipo de comunidade de aprender que ele está criando e fomentando em sua sala de aula. Só assim o professor poderá saber se está efetivamente criando condições para que autonomia do aprendente surja (GIL e VIEIRA-ABRAHÃO, 2008, p. 297)

Também é preciso atentar para o fato de que o aluno pode perder o interesse simplesmente por ficar constrangido em sala de aula por não se adaptar às pessoas que ali estão ou mesmo pela forma de ensinar adotada pelo professor. Deve-se levar em conta que, cada aluno possui sua história, pertence a um grupo, possui suas marcas próprias.

Assim sendo, poderão surgir problemas na aprendizagem quando o estudante agir de forma diferente ao grupo em que ele está envolvido (RUBINSTEIN, 2003, p.128). O que requer do professor que esteja atento a tudo

que acontece em sala de aula, e sempre que possível possa ajudar os alunos que tenham dificuldades. Algo que poderá ajudar nesse propósito é sempre elogiar o aluno ao fazer suas atividades e nunca criticar-lo caso ele não tenha o mesmo desempenho que os demais da turma. A auto-estima é fundamental, pois

um dos mais importantes componentes do auto-estima positivo na criança é a aceitação de que ela seja como é, respeitando sua individualidade. Outro passo é nunca perder o papel significativo que os professores representam na vida das crianças e como a concepção desses professores, de si e de cada criança, influem na forma de ensinar (WITTER, 2004, p. 59).

#### **4 A ESCOLHA DO MATERIAL DIDÁTICO**

Quando se trata de estimular o aluno a querer estudar Inglês não podemos deixar de considerar a importância do material didático. Não são todos os livros que são apropriados para todos os tipos de alunos e muito menos todos que têm as qualidades necessárias para o bom aprendizado de um idioma, pois, como já vimos, o aprendizado só ocorrerá se o aluno realmente quiser, o que significa que o livro deve ser primeiramente atraente ao aluno. Conforme Amorim:

O livro didático é objeto constante de uso, análise e crítica por parte desse profissional da educação, sendo também uma ferramenta importante para sua prática diária. Tal instrumento tem um papel institucionalizado no contexto escolar brasileiro e é objeto direto do questionamento e análise dos professores de Línguas Estrangeiras. Eles acabam por desconstruir ideologias e valores subjacentes ao livro didático, trazendo esse redimensionamento da sua ação independentemente do contexto em que atua (AMORIM, 2008, p. 12).

Tendo em vista essa ideia, todo livro de idiomas, independente de qual seja, deve atender às quatro habilidades de uma língua: falar, ouvir, escrever e ler. Caso o livro deixe a desejar em uma delas, infelizmente, não atenderá as necessidades de um aluno de idiomas.

O CBC (Conteúdos Básicos Comuns) de Línguas Estrangeiras de Minas Gerais diz: “o objetivo primordial das ações pedagógicas é o desenvolvimento das habilidades necessárias para que o aluno possa lidar com as situações práticas do uso da Língua Estrangeira” (p. 11) Além disso, ele continua a nos dizer que “ganha evidência também o desenvolvimento da competência estratégica pelo uso consciente de estratégias para ler, escrever, escutar e falar o idioma estrangeiro” (DIAS, p. 14).

Muitos livros ensinam a falar outro idioma usando a técnica da reprodução dos sons do nativo da língua que se quer aprender, isso tem sido eficaz em alguns casos, pois sabemos que uma criança, ao aprender a falar, primeiro observa e depois tenta repetir as palavras. Inicialmente, devido ao indivíduo não saber pronunciar os fonemas de sua língua nativa, acontece dela trocar alguns sons por outros parecidos e isso vai ocorrendo até ela conseguir dominar todos os fonemas necessários para poder se comunicar de forma correta (LYONS, 1981, pp. 233 e 234).

É exatamente por esse motivo que, ao adotar os livros didáticos, é necessário levar em conta a língua estrangeira e a língua do nativo. Pois conforme Fries<sup>3</sup>, “os materiais mais eficazes são os baseados numa descrição científica da Língua a ser aprendida, comparada cuidadosamente com uma descrição paralela da língua nativa do aprendiz” (apud LADO, 1971, p. 13). Utilizar um material didático pensando apenas em facilitar o aprendizado também pode ser prejudicial, pois isso pode iludir tanto o professor como o aluno.

Alguns livros, divulgados pela publicidade como panacéias para aprendizado fácil de uma língua estrangeira, apresenta simplesmente alguns padrões que são similares aos da língua nativa e gastam nêles muitos capítulos, às vezes um volume inteiro. O professor e o aluno não treinados podem ter a impressão de que o livro realmente simplifica a aprendizagem da língua. Porém, na verdade, não ensina a língua estrangeira: apenas entretém o professor e o aluno numa atividade fácil, mas improdutiva. Essa deficiência é revelada imediatamente pela comparação das duas línguas (LADO, 1971, p.14).

---

<sup>3</sup> Charles C. Fries, *Teaching and Learning English as a Foreign Language* (Ann Arbor: Univ. Mich. Press, 1945), p. 9.

Devemos tomar cuidado para não dar uma falsa impressão de aprendizado, quando na verdade, o aluno não consegue usar o novo idioma quando está fora da sala de aula. “O uso de material autêntico pode ser uma maneira de facilitar essa transparência de aprendizagem” (LEFFA, 2003, p. 24).

A maior parte dos livros didáticos dos professores costuma conter um manual do professor, o que também deve ser lido em sua totalidade pelos professores, pois este manual é elaborado por pesquisadores que visam fazer com que o livro possa desempenhar o seu papel de forma eficaz.

Infelizmente, muitos professores não dão atenção a isso e na hora de usar o livro didático costumam ter dificuldade e a absorção do conteúdo por parte de seus alunos não ocorre tão bem como poderia. Essas são apenas algumas preocupações relevantes que o educador precisa ter ao ministrar suas aulas utilizando material didático.

## **5 CONCLUSÃO**

Ao tratar de ensino-aprendizagem devemos lembrar que existem muitos aspectos que cercam o orientando/professor e orientado/aluno e que são de responsabilidade do orientador fazer com que seu o seu educando tenha interesse pelo estudo do idioma ensinado. Assim, faz parte desse processo motivar o aluno. O uso das ferramentas relacionadas com as novas tecnologias devem ser inseridas nas atividades em sala de aula.

Para que ocorra tudo bem é necessário que todo professor pense que não é apenas o fato de ter terminado o curso de licenciatura e ter domínio do idioma Inglês que o faz um bom profissional, pelo contrário, o bom educador sempre deve estar procurando novos caminhos e se atualizando para que possa sempre cumprir seu papel e ajudar o aluno a aprender um novo idioma de forma mais fácil e

divertida.

Sabemos que muitos não procuram se atualizar ou mesmo se interessam em saber se estão ou não ensinando da melhor forma. Ao invés disto, alguns profissionais pensam que já sabem o que vão ensinar e como ensinar, quando na verdade a cada dia que passa surgem novas metodologias e didáticas que podem ter um maior índice de aprovação por parte dos alunos, caso sejam aplicados em sala de aula.

Um bom professor irá se preocupar em motivar os seus alunos sem esquecer suas obrigações educacionais. Também vai proporcionar um acompanhamento especializado para os alunos com dificuldades e que estão desinteressados. Jamais devemos pensar que estes são piores que os demais e, muito menos devemos pensar que eles nunca aprenderão um novo idioma. Deve-se ter em mente sempre o objetivo de procurar novos meios de conquistar os alunos e, então, realizar o nosso objetivo de facilitar o aprendizado do novo idioma.

Um dos papéis do professor de língua estrangeira é conduzir o aprendiz a ser um falante intercultural, ou seja, aquele que conhece a cultura do outro e a sua. Portanto, as crianças devem conhecer quais formas de comportamento verbal e também não verbal são apropriadas em cada contexto social. (AMORIM, 2008, p. 43)

Quando se trata de motivar o interesse de uma indivíduo é necessário esforço, preparação e planejamento da parte do orientando, a fim de fazer com que uma aula que costuma ser enfadonho se transforme em algo agradável e atraente, o que fará com que o estudante realmente deseje aprender-lo mais e mais.

Todo professor pode enfrentar problemas com a aceitação do novo por parte dos alunos, então será necessário que ele sempre esteja atualizado com as diferentes formas de se ensinar e não esquecer que o discente necessita de incentivo e de atenção especial para que possa assim gostar do idioma e deseje continuar estudando, caso contrário, todo esforço do docente será em vão.

## **REFERÊNCIA**

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Linguística Aplicada: ensino de línguas e comunicação.** São Paulo: Pontes, 2005.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.

AMORIM, Simone Silveira. O percurso histórico do ensino de Inglês no Brasil e a abordagem comunicativa no livro do Yázigi. In: **Anais... III Seminário Internacional de Educação, 2007, São Cristóvão.** A pesquisa em Educação: abordagens e a questão da inclusão social, 2007. p. 1-10.

AMORIM, Simone Silveira. **English for brazilian schools: a análise do livro didático de Amélia Kerr Nogueira.** 2008. 46 f. Monografia (Departamento de Letras: Linguística Aplicada ao ensino de línguas) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

DEMO, Pedro. Prefácio. **Pesquisa, Educação e formação humana: nos trilhos da História.** In: CAMPOS, R. C. P. R. (Org.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MINAS GERAIS. DIAS, Reinildes. **CBC Língua Estrageira: ensino fundamental e médio- Proposta Curricular.** Minas Gerais. Minas Gerais Construindo um novo tempo. s/d.

GIL, Gloria; VIEIRA-ABRAHÃO, Maria Helena. **Educação de professores de línguas: os desafios do formador.** Campinas, Pontes Editores: 2008.

LADO, Robert. **Introdução à Linguística aplicada.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes LTDA, 1972.

LEFFA, Vilson J. (Org.) **Produção de matérias de ensino: teoria e prática.** Pelotas: EDUCAT, 2003.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística uma introdução.** Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1981.

MACHADO, G. J. C.; SOBRAL, M. N. **Conexões: Educação, comunicação, inclusão e interculturalidade.** Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

MELO, Alexandre de; URBANETZ, Sandra Terezinha. **Fundamentos de Didática**. Curitiba: Editora IBPEX, 2008.

PEDROSA, Cleide; CORREA, Leda (Org.). **Lingüística Aplicada ao ensino em Língua Materna e estrangeira**. Aracaju: Editora UFS, 2008.

ROSA, J. L. (ORG.). **Psicologia e Educação**: o significado do aprender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

RUBINSTEIN, E. R. **O estilo de aprendizagem e a queixa escolar**: entre o saber e o conhecer. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

WITTER, G. P (Org.). **Psicologia e Educação**: professor ensino e aprendizagem. Campinas: Alinea editora, 2004.

VEIGA, I. P. A. (Org.). **Técnicas de ensino**: por que não? Campinas-SP: Papirus Editora, 2007a.

\_\_\_\_\_ **Lições de didática**. Campinas-SP: Papirus Editora, 2007b.

VENTURI, Maria Alice. Considerações sobre a abordagem comunicativa no ensino de Línguas. **Domínios de Linguagem- Revista eletrônica de lingüística**. Ano 1, 1º semestre de 2007. Disponível em: <http://www.dominiosdelinguagem.org.br/pdf/3.pdf>, Acesso em: 02 Abr. 2011.

VIVIAN, Márcio. A influência do aspecto afetivo na aprendizagem da Língua Inglesa em escolas públicas. **Revista Voz das Letras**. Concórdia/Santa Catarina: Universidade do Contestado, n. 3, 2005.